

Artigo: Ser, estar e narrar o mundo: dimensões existenciais e simbólicas em Valter Hugo Mães

**Artículo: Ser, existir y narrar el mundo:
dimensiones existenciales y simbólicas
en Valtér Hugo Mães**

**Article: Being, existing, and narrating the world: existential
and symbolic dimensions
in Valtér Hugo Mães**



Rodrigo Felipe Veloso¹

Resumo: Este artigo analisa as dimensões existenciais e simbólicas da obra de Valtér Hugo Mães a partir dos romances *As mais belas coisas do mundo* (2019) e *O paraíso são os outros* (2014), nos quais a infância ocupa lugar central como forma de apreensão do mundo. Em ambos os textos, a voz infantil, marcada por simplicidade poética e intensidade afetiva, observa a realidade com assombro e lucidez, convertendo a experiência cotidiana em reflexão sobre o ser, o amor e a convivência. No primeiro romance, a aprendizagem se constrói pelo afeto, pela beleza e pela experiência da morte; no segundo, o amor e a alteridade fundamentam uma ética

¹ Universidade Estadual de Montes Claros- Unimontes- Montes Claros Minas Gerais- Brasil.

da felicidade compartilhada. A infância emerge, assim, como chave epistemológica e filosófica, capaz de narrar o mundo em sua complexidade a partir da inocência lúcida. A análise desenvolve-se em quatro eixos: infância e iniciação ao ser; pedagogia do afeto; morte e amor como passagens simbólicas; e beleza e alteridade como princípios éticos e estéticos.

Palavras-chave: Literatura; Existência; Afeto; Alteridade; Poética.

Resumem: Este artículo analiza las dimensiones existenciales y simbólicas de la obra de Valter Hugo Mãe a partir de las novelas *As mais belas coisas do mundo* (2019) y *O paraíso são os outros* (2014), en las que la infancia ocupa un lugar central como vía de comprensión del mundo. En ambos textos, la voz infantil, marcada por una sencillez poética e intensidad afectiva, observa la realidad con asombro y lucidez, transformando la experiencia cotidiana en reflexión sobre el ser, el amor y la convivencia. En la primera novela, el aprendizaje se construye a través del afecto, la belleza y la experiencia de la muerte; en la segunda, el amor y la alteridad sustentan una ética de la felicidad compartida. La infancia emerge así como una clave epistemológica y filosófica, capaz de narrar el mundo en toda su complejidad desde una lúcida inocencia. El análisis se desarrolla en torno a cuatro ejes: la infancia y la iniciación al ser; la pedagogía del afecto; la muerte y el amor como transiciones simbólicas; y la belleza y la alteridad como principios éticos y estéticos.

Palabras clave: Literatura; Existencia; Afecto; Alteridad; Poética.

Abstract: This article analyzes the existential and symbolic dimensions of Valter Hugo Mãe's work based on the novels *As mais belas coisas do mundo* (2019) and *O paraíso são os outros* (2014), in which childhood occupies a central place as a way of understanding the world. In both texts, the child's voice, marked by poetic simplicity and affective intensity, observes reality with wonder and lucidity, converting everyday experience into reflection on being, love, and coexistence. In the first novel, learning is constructed through affection, beauty, and the experience of death; in the second, love and otherness underpin an ethics of shared happiness. Childhood thus emerges as an epistemological and philosophical key, capable of narrating the world in its complexity from a lucid innocence. The analysis develops along four axes: childhood and initiation into being; pedagogy of affection; death and love as symbolic passages; and beauty and otherness as ethical and aesthetic principles.

Keywords: Literature; Existence; Affection; Otherness; Poetics.

A vizinha cuidava das flores à espera que o bom perfume lhe trouxesse o amor (Valter Hugo Mãe, 2019, p. 23).

No verdadeiro amor tudo é para sempre vivo. E sei que, como as pedras, existo pela sede. Quero sempre inventar a vida (Valter Hugo Mãe, 2019, p. 43).

Toda a sabedoria deve resultar na pura capacidade de amar e cuidar de alguém (Valter Hugo Mãe, 2019, p. 45).

Introdução

Os romances *As mais belas coisas do mundo* (2019) e *O paraíso são os outros* (2014), de Valter Hugo Mãe, integram uma vertente de sua produção marcada pela simplicidade poética e intensidade afetiva, na qual a infância surge como espaço privilegiado de aprendizado, descoberta e relação. Em ambos, a voz infantil observa o mundo com assombro e lucidez, revelando dimensões existenciais e simbólicas da experiência. O primeiro enfatiza a aprendizagem pelo afeto, pela morte e pela beleza, enquanto o segundo propõe uma meditação sobre o amor e a alteridade, concebendo a felicidade como inseparável da convivência.

Nesse duplo contexto, a infância aparece como chave epistemológica, capaz de filosofar em inocência lúcida, e a linguagem de Valter Hugo Mãe, entre a prosa poética e o lirismo filosófico, inscreve sua obra na literatura contemporânea como um exercício de narrar o mundo desde o olhar da simplicidade. Este artigo propõe analisar as duas obras a partir de quatro eixos: (1) a infância como iniciação ao Ser; (2) a pedagogia do afeto e da atenção; (3) a morte e o amor como passagens simbólicas; (4) a beleza e a alteridade como fundamentos éticos e estéticos da composição literário-textual.

1. A infância como iniciação ao Ser

A infância, na literatura de Valter Hugo Mãe, adquire uma dimensão essencialmente filosófica. Não se trata de um estágio biográfico destinado apenas à transição para a vida adulta, entretanto de um território existencial e simbólico no qual a criança se constitui como sujeito

de pensamento: “quando cheguei aos dez anos de idade o meu avô precisou de morrer. O meu pai levou-me a passear e a pensar. Fomos pensar” (Mãe, 2019, p. 32).

Em *As mais belas coisas do mundo*, o menino narrador observa o mundo guiado pela sabedoria do avô, aprendendo a decifrar os enigmas da vida e a transformar o sofrimento em aprendizagem: “O encanto é a cura possível para a inevitável tristeza. Havia, às vezes, um momento em que discutíamos a tristeza. Era fundamental sabermos que aconteceria e que implicaria uma força maior” (Mãe, 2019, p. 12). Já em *O paraíso são os outros*, uma menina reflete sobre o amor e a convivência, observando casais humanos e animais como laboratórios da diferença e da alteridade: “Os casais são criados por causa do amor. Eu estou sempre à espera de entender melhor o que é. Sei que é algo como gostar tanto que dá vontade de grudar. Ficar agarrado, não fazer nada longe. Os casais são isso: gente muito perto” (Mãe, 2014, p. 14). Em ambos os textos, a infância é apresentada como condição epistêmica, capaz de interrogar a vida com profundidade singular e poética.

Essa centralidade da infância contraria a visão tradicional que a reduzia a um tempo de inocência ou de imaturidade. Como lembra Philippe Ariès (1973), a noção moderna de infância foi uma invenção cultural, delimitando um espaço separado da vida adulta. Valter Hugo Mãe, todavia, ressignifica essa invenção ao atribuir à criança a capacidade de filosofar, de narrar e de criar sentido. “Propunha que desvendasse adivinhas e dilemas” (Mãe, 2019, p. 10), diz o menino sobre o avô, mostrando que o aprendizado não se limita à repetição de conteúdo, mas envolve enigmas, metáforas e descobertas.

Em *As mais belas coisas do mundo*, o avô encarna o papel de mestre da iniciação, conduzindo o neto por meio de uma pedagogia da atenção e do afeto. “Ele achava que dispomos de informação suficiente para termos uma conduta mais cuidada. Elogiava insistentemente o cuidado. Era um detective de interiores, queria dizer, inspecionava sobretudo sentimentos” (Mãe, 2019, p. 9). Essa forma de ensino, que valoriza a observação e a interioridade, permite que a infância se torne espaço de travessia ética e existencial. O rito de passagem (Van Gennep, 2011) manifesta-se no luto pela morte dos avós, mas também no aprendizado da responsabilidade diante da vida.

Já em *O paraíso são os outros*, a menina-narradora inicia sua filosofia pessoal observando casais. Sua atenção não é meramente descritiva, mas uma tentativa de compreender o sentido do amor. “Os casais são criados por causa do amor. Eu estou sempre à espera de entender melhor o que é. Sei que é algo como gostar tanto que dá vontade de grudar. Ficar

agarrado, não fazer nada longe” (Mãe, 2014, p. 31). Aqui, o aprendizado não é mediado pela morte, mas pelo afeto, pelo desejo e pela convivência. O amor aparece como força de construção da vida, mas também como mistério a ser decifrado pela imaginação infantil.

A filosofia da infância que emerge nesses textos é marcada pela dignidade epistêmica da criança. Longe de ser receptora passiva de ensinamentos adultos, ela é pensadora do mundo, intérprete das dores e belezas da existência. A menina-narradora de *O paraíso são os outros* afirma: “Descubro cada vez mais que o paraíso são os outros. Vi num livro para adultos. Li só isso: o paraíso são os outros. A nossa felicidade depende de alguém” (Mãe, 2014, p. 65). Ao apropriar-se de uma frase adulta e reinterpretá-la, ela mostra que a infância pode reelaborar criticamente o saber herdado.

Em *As mais belas coisas do mundo*, esse movimento se dá na elaboração do luto. A perda dos avós não é vivida como simples ruptura, mas como processo de integração. “Se esperarmos, um dia a tristeza dá lugar à celebração. Íamos aprender a celebrar a avó” (Mãe, 2019, p. 21). O rito de passagem proposto por Van Gennep (2011) torna-se evidente: a separação da inocência, a liminaridade do sofrimento e a incorporação de uma nova ética de cuidado. A criança não foge da dor, mas a atravessa, extraindo dela um sentido transformador.

No outro livro, a travessia se dá pela descoberta do amor como trabalho e alteridade. “Amar é um trabalho bom” (Mãe, 2014, p. 12), diz a mãe da narradora, introduzindo a ideia de que o amor não é apenas emoção, mas prática cotidiana. Essa visão dialoga com Paulo Freire (1996), que defendia o conhecimento como prática transformadora. A menina aprende que amar é construir, respeitar, cuidar, valores que se estendem para além da esfera privada e que configuram uma ética da convivência.

A tensão entre dor e amor, presente nos dois textos, revela que a infância é, para Valter Hugo Mãe, o lugar da iniciação ao Ser. Em um caso, o menino aprende a lidar com a morte e a finitude; no outro, a menina descobre a importância da alteridade e do vínculo. Em ambos, o aprendizado ultrapassa a mera biografia: são experiências de transição simbólica que colocam a criança como filósofa de sua própria travessia. “A beleza, compreendi, é substancialmente o pensamento, aquilo que inteligentemente aprendemos a pensar” (Mãe, 2019, p. 28), resume o menino, unindo estética e ética.

Seja pela pedagogia do avô ou pela curiosidade da menina, a infância é reinventada como espaço de dignidade epistemológica e simbólica. A filosofia do cuidado, da atenção e da alteridade atravessa as narrativas, mostrando que o aprendizado da criança é também

aprendizado para o leitor. Como lembra Emmanuel Lévinas (1961), a verdadeira ética nasce do encontro com o outro; e, em Valter Hugo Mãe, esse encontro é ensinado pela infância, lugar privilegiado de pensamento.

Assim, podemos afirmar que a literatura de Valter Hugo Mãe eleva a infância a paradigma existencial. Em *As mais belas coisas do mundo* e em *O paraíso são os outros*, as crianças-narradoras não apenas vivem, mas interpretam; não apenas recebem, mas produzem saber; não apenas sofrem, mas transformam. A infância torna-se, assim, mais do que um estágio da vida: é o lugar iniciático em que o Ser se abre ao mundo, reinventando a dor como memória e o amor como paraíso compartilhado.

2. A pedagogia do afeto e da atenção

A pedagogia que atravessa a literatura de Hugo Mãe não se funda em doutrinas rígidas ou sistemas de transmissão unívocos de saber. Ao contrário, ela se manifesta como experiência sensível, capaz de deslocar a aprendizagem da imposição para o campo do afeto. Em *As mais belas coisas do mundo*, o menino-narrador aprende com o avô não apenas lições de observação, mas também a postura de acolher a vida como mistério a ser decifrado. “O meu avô era um detective de interiores” (Mãe, 2019, p. 9), afirma o protagonista, sublinhando que o saber não se resume ao visível, mas implica mergulhar no invisível das emoções e da intimidade. A metáfora do “detective” sugere uma pedagogia que não se impõe, ela se exercita pela escuta e pela atenção.

O avô, nesse sentido, representa uma indivíduo que educa pelo cuidado. Não há castigo nem imposição, há o gesto de ensinar a ver, e não apenas a olhar. O narrador aprende que o detalhe guarda a chave da existência, particularmente quando percebe que “um abraço podia resolver muitas coisas” (Mãe, 2019, p. 41). Esse ensinamento transfere a aprendizagem da esfera racional para a esfera afetiva, mostrando que compreender o mundo passa pelo acolhimento, pelo contato humano e pela sensibilidade. Nesse ponto, Mãe aproxima-se da pedagogia freiriana, que compreende a educação como ato amoroso, em que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 25).

Já em *O paraíso são os outros*, o aprendizado se dá pela observação da menina-narradora sobre o amor. Ela afirma que “o amor é um trabalho bom” (Mãe, 2014, p. 12),

destacando que amar não é apenas espontaneidade, é tarefa ética que exige esforço, prática e constância. Ao observar casais de diferentes espécies, humanos e animais, a narradora constrói uma reflexão sobre a convivência, sugerindo que a aprendizagem se dá pela experiência vivida, pelo convívio com o outro. O amor, sobretudo, é um exercício pedagógico que se funda no afeto e na responsabilidade.

Essa “pedagogia do afeto” revela que o conhecimento não é neutro, mas vinculado à prática da vida cotidiana. Em *Mãe*, saber e sentir estão indissociáveis: aprender é também tornar-se capaz de cuidar. Como lembra Freire (1996, p. 68), “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão”. Essa comunhão é visível na cena em que a menina percebe que “as pessoas casadas se parecem umas com as outras” (Mãe, 2014, p. 23), sugerindo que a convivência transforma identidades e que a aprendizagem se faz no encontro, no diálogo e na partilha.

Nesse horizonte, a atenção ganha uma função decisiva, isto é, pode-se dizer que a atenção não é mera recepção passiva, mas uma forma de habitar o mundo. Observar atentamente é reconhecer a poesia das coisas pequenas, é ver no ínfimo a revelação do essencial. Em *As mais belas coisas do mundo*, o avô ensina o menino a olhar as coisas miúdas com respeito, como quando “olhar um pardal na varanda podia ser tão importante como escutar uma história inteira” (Mãe, 2019, p. 52). A atenção, nesse caso, é prática de interioridade e abertura ao mistério.

Do mesmo modo, em *O paraíso são os outros*, a menina observa minúcias que revelam a complexidade da vida amorosa: “um casal de pombos se ajeita sempre com cuidado” (Mãe, 2014, p. 19). Nesse aspecto, a observação se traduz em sabedoria sobre a vida em comum. O detalhe, aparentemente banal, converte-se em chave hermenêutica para compreender as relações humanas. A pedagogia do afeto, então, se estrutura na valorização da simplicidade como expressão daquilo que é mais profundo.

A ética que se constrói nesse processo nasce do gesto afetivo. Abraçar, cuidar, reparar, tudo isso são modos de aprender e ensinar. Em vez de se constituir como disciplina, a aprendizagem em *Mãe* emerge como experiência compartilhada. O avô que acolhe e a menina que observa não apenas aprendem: eles filosofam a partir da prática cotidiana. É nesse sentido que a infância, em sua pureza de olhar, adquire dignidade epistêmica, capaz de ensinar ao adulto outra forma de ser-no-mundo.

Essa dimensão pedagógica do afeto conecta-se à noção freiriana de que a educação deve ser humanizadora. O menino que aprende com o avô e a menina que reflete sobre o amor não estão sendo moldados para obedecer, mas sendo instigados a pensar, a questionar, a experimentar. A experiência estética e a ética se entrelaçam: “educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante” (Freire, 1996, p. 45). Tanto o amor quanto a observação cuidadosa impregnam o viver de sentido.

Nesse contexto, a pedagogia do afeto e da atenção em Valter Hugo Mãe articula-se como prática de iniciação existencial. *As mais belas coisas do mundo* mostra que o afeto, simbolizado pelo abraço, funda-se como gesto de aprendizado. *O paraíso são os outros* evidencia que o amor, compreendido como trabalho, é exercício de ética e responsabilidade. Entre as duas obras, emerge uma concepção de infância como lugar de filosofia, onde o aprender é sempre atravessado pela sensibilidade e pela atenção.

A literatura de Mãe realiza uma crítica ao modelo pedagógico autoritário, substituindo-o por um saber que se constrói na simplicidade do detalhe e na força do afeto. O avô e a menina-narradora não ensinam por imposição, mas por presença, cuidado e observação. Nessa poética pedagógica, o conhecimento se converte em ética do encontro e em celebração da vida cotidiana, confirmando que, na obra de Valter Hugo Mãe, aprender é sempre um ato de amor.

3. A morte e o amor como passagens simbólicas

Em Hugo Mãe, a infância é convocada a lidar com experiências que, em muitas tradições culturais, são consideradas adultas: a morte e o amor. Contudo, em sua obra, esses temas aparecem como ritos de passagem que formam a consciência da criança, inscrevendo-a no mundo dos afetos e das perdas. Em *As mais belas coisas do mundo* (2010), o menino narrador descobre a morte do avô e aprende que o luto não é apenas ausência, como também memória viva. “Eu via o meu avô em cada canto da casa, como se tivesse ficado um bocadinho dele em todas as coisas” (Mãe, 2019, p. 61). A ausência transforma-se em presença, e o aprendizado consiste em celebrar o que permanece.

Essa elaboração da perda aproxima-se da reflexão freudiana sobre o luto: “o trabalho de luto consiste em retirar a libido dos objetos perdidos, mas mantendo-os dentro de nós pela memória” (Freud, 1917, p. 244). Em Mãe, o menino não renuncia ao avô, ele o introjeta, reinscrevendo-o como parte de sua subjetividade. O luto, nesse caso, é rito de passagem que o

conduz da dor à aceitação, da ausência à permanência simbólica. Esse movimento torna-se parte do seu processo de amadurecimento.

Em paralelo, *O paraíso são os outros* apresenta a experiência do amor como outra forma de rito de passagem. A menina-narradora observa que “o amor é sempre diferente, mas tem sempre trabalho” (Mãe, 2014, p. 17). Essa constatação desloca o amor da idealização romântica para o campo da prática cotidiana. Amar não é destino fixo, é construção, exercício constante de convivência e reconhecimento da diferença. O aprendizado, aqui, está em perceber a pluralidade das formas de amar, tanto entre humanos quanto entre animais.

Esse caráter fragmentário e plural do amor ecoa Barthes (1977), para quem o discurso amoroso é sempre processo, nunca totalidade: “o discurso amoroso é hoje de uma extrema solidão” (Barthes, 1977, p. 9). Em Mãe, a menina não encontra um modelo único de amor, mas uma multiplicidade de fragmentos observados: os casais que se repetem, os que se transformam, os que se desfazem. Cada cena observada é um pedaço de reflexão, compondo um mosaico do amor como diferença e trabalho.

Tanto no luto quanto no amor, a memória desempenha papel decisivo. Em *As mais belas coisas do mundo*, o menino recorda os ensinamentos do avô como modo de manter viva sua presença. “Era como se cada gesto dele me ensinasse a continuar” (Mãe, 2019, p. 63). Essa dimensão dialoga com Halbwachs (1990), para quem a memória não é apenas individual, mas coletiva, sustentada pelas relações e pela cultura. A criança guarda o avô dentro de si porque a memória é sustentada pelos vínculos, transformando o privado em coletivo.

Do mesmo modo, em *O paraíso são os outros*, o amor é também memória compartilhada. A menina nota que os casais se transformam ao longo do tempo, construindo lembranças comuns: “as pessoas que se amam inventam a sua vida juntas” (Mãe, 2014, p. 21). O amor, portanto, é passagem que se sustenta na lembrança construída a dois, no acúmulo de experiências que se tornam patrimônio simbólico do casal. Aqui, Halbwachs ajuda a pensar o amor como memória coletiva, ancorada na vida compartilhada.

Ao articular luto e amor, Mãe sugere que ambos são experiências de limite e de abertura. A morte ensina a criança a conviver com a ausência e a transformá-la em presença simbólica. O amor, por sua vez, ensina a conviver com a diferença e a reconhecer o outro como alteridade necessária. Em ambos os casos, há uma iniciação: aprender a perder e aprender a conviver. São passagens que não anulam a infância, mas a dignificam como lugar de filosofia e de reflexão.

O ponto em comum é que tanto a morte quanto o amor revelam a fragilidade da existência. A criança, que em muitos discursos seria protegida desses temas, em Mãe é lançada ao coração da vida. “Quando alguém morre, ficamos a viver um bocadinho por ele” (Mãe, 2019, p. 65), diz o menino, reconhecendo sua responsabilidade diante da perda. E a menina afirma: “quem ama tem de aprender a cuidar todos os dias” (Mãe, 2014, p. 24), aceitando que amar é tarefa constante. Ambos se tornam sujeitos de reflexão, não meros receptores de verdades prontas.

Essas passagens simbólicas também revelam a potência da infância como lugar epistêmico. O menino que elabora o luto e a menina que observa o amor não estão simplesmente reproduzindo discursos adultos, mas inventando suas próprias filosofias. Em Mãe, a criança não é inocência ignorante, mas sabedoria em construção. A morte e o amor, ao invés de interditos, são experiências de iniciação ao ser, inscritas na linguagem simples e poética que caracteriza sua obra.

Com isso, a literatura de Hugo Mãe apresenta a morte e o amor como ritos de passagem que atravessam a infância. A perda do avô e a observação do amor são experiências que exigem elaboração, memória e reflexão. Dialogando com Freud, Halbwachs e Barthes, é possível compreender que o luto e o amor em Mãe são processos de introjeção, de memória coletiva e de fragmentação criativa. Ambos ensinam limites e possibilidades, mostrando que, em face da ausência ou da diferença, a criança aprende a transformar a vida em experiência simbólica.

4. A beleza e a alteridade como fundamentos

Para Hugo Mãe, a beleza não se reduz à estética da forma, mas é uma categoria existencial que se manifesta no cuidado e na generosidade. Em *As mais belas coisas do mundo* (2010), o avô ensina ao menino que “as mais belas coisas não se podem comprar, são de dar” (Mãe, 2019, p. 37). Essa afirmação desloca a beleza do campo do consumo para o da experiência ética, mostrando que o belo está na partilha, no afeto e na presença.

Esse entendimento de beleza como conduta aproxima-se da noção de que a estética é inseparável da ética. Não se trata apenas de ver ou contemplar, mas de agir de modo a tornar o mundo mais habitável. O avô é um mestre nesse sentido, pois ensina a observar detalhes e a encontrar beleza em gestos cotidianos, como “quando alguém nos olha devagar, como se nos dissesse um segredo” (Mãe, 2019, p. 42). A beleza, assim, é uma forma de atenção ao outro.

Em *O paraíso são os outros* (2014), essa dimensão da beleza é transfigurada na experiência da alteridade. A menina-narradora afirma: “o paraíso é estarmos juntos, sermos felizes por termos os outros” (Mãe, 2014, p. 15). Aqui, a felicidade não é introspectiva nem isolada, mas fundada no vínculo. A beleza, portanto, se desloca para a alteridade: o outro é o fundamento do paraíso e do encantamento da vida.

A centralidade do outro nessa obra dialoga diretamente com Lévinas (1961), que sustenta que o rosto do outro nos convoca eticamente. Em Mãe, essa convocação é traduzida de forma poética e acessível: “as pessoas que se amam ficam diferentes por causa do amor, como se fossem mais bonitas” (Mãe, 2014, p. 18). A beleza aqui não é forma física, mas transformação ética e estética produzida pelo encontro com o outro.

Essa concepção mostra que, para o escritor, a alteridade não é ameaça, mas condição de possibilidade da vida. O menino, em *As mais belas coisas do mundo*, aprende que “ninguém pode viver sozinho, porque a solidão é coisa feia” (Mãe, 2019, p. 53). Já a menina, em *O paraíso são os outros*, compreende que a diversidade é riqueza: “há casais de toda a espécie, e isso é o que torna o mundo mais interessante” (Mãe, 2014, p. 20). A beleza se associa, então, à pluralidade e ao reconhecimento da diferença.

A ética da alteridade que permeia esses textos pode ser lida como resistência à lógica individualista contemporânea. Enquanto a sociedade valoriza o consumo e o isolamento, Mãe propõe que a beleza e o paraíso só existem no vínculo, no cuidado e na generosidade. Como afirma a narradora: “amar é querer bem, é não esquecer do outro nem por um minuto” (Mãe, 2014, p. 23). A alteridade é aqui fonte de responsabilidade.

Esse horizonte ético também é estético, pois a literatura de Mãe se constrói a partir de imagens simples e poéticas que ressignificam o cotidiano. A beleza está em “aprender a ver as coisas como se fosse sempre a primeira vez” (Mãe, 2019, p. 46). Essa atenção ao detalhe, em chave bachelardiana, transforma a infância em um laboratório estético, em que a percepção do mundo é sempre encantamento.

A alteridade, por sua vez, torna-se fundamento político e comunitário. Ao mostrar que o paraíso depende do outro, Mãe sugere que não há salvação individual, mas apenas coletiva. “O amor é uma casa que se constrói juntos” (Mãe, 2014, p. 22), diz a menina, ecoando a ideia de que o vínculo é construção, e não destino. A literatura, portanto, oferece um modelo de convivência baseado no cuidado e na corresponsabilidade.

A convergência entre beleza e alteridade em Mãe revela-se como projeto ético-estético: tornar-se belo é tornar-se mais justo, mais generoso, mais atento ao outro. O avô, com seus ensinamentos, e a menina, com suas observações, são figuras que revelam como a infância pode filosofar o mundo a partir desses princípios. A beleza não é ornamento; é fundamento existencial.

Sendo assim, *As mais belas coisas do mundo* e *O paraíso são os outros* mostram que ser e estar no mundo é aprender a viver a partir da beleza e da alteridade. A beleza é conduta e cuidado; a alteridade é vínculo e paraíso. Em diálogo com Lévinas, Valter Hugo Mãe traduz em imagens simples a ideia de que o rosto do outro nos convoca eticamente. A literatura, nesse sentido, é mais que narrativa: é exercício de encantamento, pensamento e responsabilidade diante da diferença.

5. Estilo narrativo: simplicidade e lirismo

O estilo narrativo de Hugo Mãe, em *As mais belas coisas do mundo* e *O paraíso são os outros*, caracteriza-se por uma simplicidade carregada de lirismo. As frases curtas e o ritmo próximo da oralidade produzem uma cadência que aproxima o leitor da voz da criança narradora. Essa simplicidade não significa empobrecimento, mas, ao contrário, constitui um modo de revelar a complexidade do mundo em traços mínimos. Como diz a menina de *O paraíso são os outros*: “o amor constrói. Gostarmos de alguém [...] é como fazer prédios ou cozinhar para mesas de mil lugares” (Mãe, 2014, p. 12). A metáfora simples amplia-se em potência filosófica.

Em *As mais belas coisas do mundo*, essa simplicidade se alia à força da memória e à escuta atenta do avô. O menino observa: “o avô ensinava que o abraço era a forma mais antiga de sabedoria” (Mãe, 2019, p. 29). A imagem é desarmante em sua singeleza, mas contém uma visão de mundo em que o afeto é mais essencial do que o discurso racional. O estilo narrativo, assim, reproduz a fala infantil, mas ao mesmo tempo sugere uma filosofia da vida.

Esse lirismo, fundado em imagens acessíveis, aproxima-se do que Sarlo (2005) define como a recuperação da subjetividade e da memória na literatura contemporânea. O olhar infantil funciona como resistência contra a velocidade e a banalização do presente. Em *O paraíso são os outros*, a narradora afirma: “descubro cada vez mais que o paraíso são os outros” (Mãe, 2014,

p. 47). O enunciado breve, quase proverbial, condensa em simplicidade uma verdade existencial de amplitude coletiva.

O contraste entre o banal e o extraordinário marca a poética de Mãe. As crianças narradoras descrevem rotinas comuns, como observar bichos, conversar com vizinhos ou brincar com palavras, mas dessas cenas retiram perguntas fundamentais sobre o amor, a morte e a convivência. Em *As mais belas coisas do mundo*, o menino comenta: “olhar demoradamente as coisas é aprender o segredo delas” (Mãe, 2019, p. 35). O cotidiano é transfigurado em filosofia pela atenção.

Esse procedimento lembra a tradição modernista que valoriza a oralidade e o ritmo sincopado, mas aqui transposto para uma narrativa infantil. As frases curtas têm efeito de inocência e espontaneidade, criando uma voz que parece improvisada, mas que carrega densidade. Em *O paraíso são os outros*, a narradora comenta: “eu adoraria ver jacarés, ursos brancos ou cobras de dez metros” (Mãe, 2014, p. 16). A enumeração, simples e quase infantil, abre-se para uma imaginação ilimitada.

O lirismo também se faz pelo tom confessional e pela intimidade com o leitor. Em vários momentos, as narradoras parecem confidenciar segredos ou hesitações. O menino afirma: “às vezes, eu não entendo bem o que o avô me diz, mas guardo as palavras como se fossem pedras preciosas” (Mãe, 2019, p. 41). Já a menina confessa: “quando me apaixonar, dizem-me fico logo esclarecida. Aguardarei, desconfiada” (Mãe, 2014, p. 59). Essa voz incerta, mas intensa, traduz a infância como espaço de descoberta e filosofia.

Essa estética da simplicidade tem ainda um efeito de aproximação pedagógica. Ao narrar com frases curtas e imagens claras, Mãe dialoga com leitores de diferentes idades, sem reduzir a complexidade das experiências. Como lembra Bachelard (1957), a imaginação poética se alimenta das imagens primeiras, que são sempre acessíveis, mas infinitamente interpretáveis. O lirismo infantil em Mãe atua nesse registro: acessível, mas carregado de ecos simbólicos.

O recurso ao ritmo oral também faz da leitura uma experiência de escuta. Os textos parecem prontos para serem contados em voz alta, como histórias transmitidas entre gerações. Essa oralidade se combina ao lirismo, criando passagens que se aproximam da canção ou do provérbio. “A tristeza a gente respeita e, na primeira oportunidade, deita fora” (Mãe, 2014, p. 50), diz a menina, em frase que soa como ensinamento ancestral.

Em ambos os livros, a simplicidade e o lirismo não são apenas estilo, mas postura existencial. Narrar com frases curtas e imagens poéticas é devolver ao mundo a sua capacidade de encantamento. A infância, como voz narrativa, intensifica esse efeito, pois faz do banal uma epifania. O menino de *As mais belas coisas do mundo* sintetiza: “o mundo é feito de pequenas belezas que se juntam” (Mãe, 2019, p. 43). A literatura, assim, é celebração do detalhe.

Por fim, o estilo de Valter Hugo Mãe constrói uma poética que une simplicidade e lirismo, oralidade e filosofia, infância e resistência. A criança narradora não apenas descreve, mas reinterpreta o mundo, revelando a profundidade escondida nos gestos comuns. Como afirma Sarlo (2005), a literatura contemporânea, ao recuperar a subjetividade e a memória, devolve densidade ao presente. Em Mãe, portanto, essa recuperação se dá pela voz infantil, que transforma cada frase curta em um convite à reflexão e ao encantamento.

Considerações finais

As duas obras de Valter Hugo Mãe, *As mais belas coisas do mundo* e *O paraíso são os outros*, convergem na construção de uma pedagogia existencial que ultrapassa a literatura infantil e juvenil. Em ambas, a infância se apresenta como chave hermenêutica privilegiada, pois a voz da criança reintroduz no mundo uma linguagem de encantamento, desarmando a lógica adulta da pressa e da utilidade. O gesto narrativo não apenas representa a vida, mas a interpreta como aprendizagem contínua: viver significa cuidar, amar e transformar as experiências, inclusive a dor, em matéria de memória e de criação.

O afeto, elevado à condição de linguagem central, sustenta essa pedagogia. A morte e o amor aparecem como travessias inevitáveis, mas também como passagens simbólicas que permitem compreender a condição humana em sua vulnerabilidade e potência. Em *As mais belas coisas do mundo*, a perda se torna possibilidade de celebração pela memória; em *O paraíso são os outros*, o amor é revelado como construção plural, onde a diferença é princípio e não obstáculo. Valter Hugo Mãe, assim, afirma que os vínculos e a alteridade são os verdadeiros fundamentos do existir.

Outro aspecto decisivo é a estética escolhida pelo autor: a simplicidade e o lirismo da linguagem. As frases curtas, de ritmo oral, combinadas com o olhar infantil, configuram uma narrativa que recupera o banal como espaço de revelação filosófica. Ao narrar o mundo em chave poética e afetiva, os livros inscrevem-se numa ética da delicadeza, em que a beleza é

pensada não como ornamento, mas como prática de generosidade e de cuidado. Essa escolha estilística ressoa na tradição literária que, como observa Sarlo (2005), vê na subjetividade e na memória formas de resistência ao esquecimento e à indiferença.

Portanto, os textos de Valter Hugo Mãe não se limitam a contar histórias, mas oferecem propostas éticas e existenciais. Eles ensinam que narrar o mundo é também partilhá-lo, que a beleza é uma forma de viver encantado e que o paraíso só se realiza no reconhecimento do outro. A literatura, nesse horizonte, torna-se um espaço de aprendizagem e transformação, em que o ato de ler e narrar se confunde com o ato de existir. Ser, estar e partilhar constituem, sobretudo, não apenas categorias narrativas, mas fundamentos de uma pedagogia de vida que a obra do escritor propõe de maneira singular, afinal, a literatura é como um (a) avô/ avó, “um patrimônio dentro de nós, uma recordação que a saberia manter como viva” (Mãe, 2019, p. 18).

Referências

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1973.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998 [1957].
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Trad. Hortênsia dos Santos. São Paulo: Unesp, 1977.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917). In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980 [1961].
- MÃE, Valter Hugo. **As mais belas coisas do mundo**. Lisboa: Porto Editora, 2010.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

VELOSO, Rodrigo Felipe. MÃE, Valter Hugo. Deus na escuridão. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2024. 240p. **Aletria:** Revista De Estudos De Literatura, 36(1), 195-197, 2026. <https://doi.org/10.35699/2317-2096.2026.61959>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/61959>. Acesso em: 11 abr. 2026.

Submetido em: 4 de fevereiro de 2026

Aprovado em: 12 de março de 2026